

“Dispensar bem o giz.” O entusiasmo das escolas onde o ensino é digital

Escola de Cinfães é a primeira do país a ter quadros interactivos em todas as salas. Na Madeira, a digitalização está quase a abranger todos os níveis de ensino

Reportagem

Samuel Silva, Márcio Berenguer

Óscar Gomes toca no quadro branco sobre a imagem de um transferidor. Com os dedos, desenha um ângulo de 60 graus. Depois, faz um movimento idêntico para fazer surgir a imagem de um ângulo de 40 graus. Acabará por juntar ambos num ângulo recto, perante o olhar entusiasmado dos alunos do 5.º ano.

Os exercícios de Geometria são apenas uma das potencialidades dos novos quadros “inteligentes”, que o agrupamento de escolas General Serpa Pinto, em Cinfães, colocou em todas as salas de aula – é a primeira escola pública a fazê-lo –, mas parece ser uma das que mais entusiasma os alunos.

Em mais do que uma sala ouvem-se elogios às possibilidades que os novos equipamentos abrem nas aulas de Geometria. “Agora, podemos desenhar facilmente no quadro”, explicava minutos antes, numa outra aula, Maria Inês, do 6.º ano. E, ainda por cima, “já não é preciso estar à espera dos materiais, que às vezes estão noutro lado”, continua.

Até agora, os professores tinham de requisitar um grande transferidor de plástico quando a lição de Matemática os levava a falar de ângulos e formas geométricas. Os novos quadros interactivos trazem incorporada a possibilidade de usar um transferidor digital, como aquele a que Óscar Gomes recorreu para criar um ângulo recto. “Também têm compasso”, aponta depois Rodrigo, que é aluno dessa turma do 5.º ano. Os novos quadros “têm mais funcionalidades” e “são muito mais atraentes” para os estudantes, garante.

Além de ter sido a primeira escola pública do país a equipar todas as salas de aulas com *smartboards*, a General Serpa Pinto também colocou um novo

computador em cada sala – ao todo, são cem, incluindo os que renovaram os laboratórios de informática e a biblioteca. Os computadores que, anteriormente, estavam nas salas de aulas “eram muito lentos”, recorda Guilherme, colega de turma de Rodrigo.

Alunos e professores “desesperavam” muitas vezes quando era preciso ligar os equipamentos para usar algum recurso multimédia, por exemplo. Os computadores tinham sido comprados no âmbito do Plano Tecnológico da Educação, lançado em 2007, quando Maria de Lurdes Rodrigues era ministra da Educação. “Até parece que a Internet passou a ser mais rápida”, comenta António Oliveira, professor de Ciências do 2.º ciclo.

Mudança nas férias

Como todas as outras escolas que, ao longo dos últimos dois anos, tiveram de se desdobrar entre aulas presenciais e à distância, o agrupamento de Cinfães também tinha “imensos problemas com a Internet”, conta o director, Manuel Pereira – que é presidente da Associação Nacional de Dirigentes Escolares. “Quando mudámos os computadores todos, a Internet passou a ser rápida”, explica. O problema seria, portanto, do *hardware*.

Quando se refere às dificuldades de acesso à rede, António Oliveira usa o advérbio “antigamente”. Mas não passou tanto tempo quanto isso. A expressão parece um sinal de uma adaptação ao novo contexto tecnológico que todos os professores que falaram com o PÚBLICO garantem ter sido “rápido”.

A escola General Serpa Pinto aproveitou as férias de Natal para fazer as mudanças. No regresso à escola, em Janeiro, o principal motivo das conversas não era a covid-19, mas as mudanças tecnológicas nas salas. A pandemia continua, porém, a transtornar o dia-a-dia: Gabriela, do 8.º ano, está

em isolamento profiláctico e acompanha, a partir de casa, a aula da professora Sónia Fernandes.

Outra das vantagens dos novos quadros “inteligentes” é a possibilidade de ser partilhado com os estudantes que estão ausentes o mesmo ecrã que os alunos que estão na sala de aula vêm à sua frente. Os materiais gerados em sala de aula, como exercícios ou resolução de problemas, também podem ser automaticamente partilhados nas plataformas de *e-learning* que os alunos se habituaram a utilizar.

“Dispensar o giz”, diz a professora Sónia Fernandes, enquanto resolve equações directamente no quadro digital. Não é só o entusiasmo provocado por uma tecnologia nova. É mesmo uma apreciação prática. “Às vezes, o giz quase não se via no quadro.”

A escola de Cinfães investiu 180 mil euros nos novos equipamentos. A verba é proveniente de fundos comunitários, aos quais a escola tem acesso por estar classificada como Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP). O agrupamento General Serpa Pinto tem essa classificação devido ao contexto sócio-económico em que está inserido. Cinfães é um dos concelhos mais pobres do país e o agrupamento serve “uma área de mais de 200km quadrados, do rio Douro ao alto da serra do Montemuro”, ilustra o director.

Além disso, tem outros problemas comuns a tantas escolas públicas, a começar pela falta de espaços. Para os 600 alunos que frequentam a escola-sede do agrupamento, há apenas 12 salas de aulas. Nos últimos anos, foi necessário improvisar e criar salas de aulas em gabinetes, onde não cabem mais de 20 alunos. O investimento na escola já foi considerado prioritário pelo Ministério da Educação e para a autarquia de Cinfães.

“Percebendo que os alunos estão muito sensíveis às novas tecnologias”, a escola quis usar os



Cinfães investiu 180 mil euros em equipamentos (foto maior e primeira à direita). Na Madeira (à direita em baixo), a digitalização vai chegar a todos os níveis

novos equipamentos como “factor de motivação”. “Não resolve os problemas todos, mas ajudou a criar uma nova dinâmica”, diz o director.

Madeira avançada

Na Madeira, 6850 alunos já estão inseridos no Projecto Manuais Digitais. São 24 escolas envolvidas, todas públicas, num programa que arrancou em 2019, com a entrega dos primeiros *tablets* a alunos do 5.º ano. O projecto, que este ano lectivo já abrange todos os alunos do 2.º ciclo e do 7.º ano, e algumas turmas do 8.º ano, tem acompanhado progressivamente a evolução das primeiras turmas que foram inseridas no programa.

Clarinda Pestana, directora da turma 10.1 da Básica e Secundária Gonçalves Zarco, no Funchal, fala em “toda uma janela que se abre”. O que diferencia, diz ao PÚBLICO, não é a substituição do papel pelo computador, um livro impresso por um *ebook*, mas todas as estratégias de aprendizagem que são optimizadas e ampliadas.

“É uma grande mais-valia em termos de aprendizagem e metodologias, permite um melhor trabalho na sala de aula, mas também tem impactos positivos no trabalho cooperativo interdisciplinar”, assinala a



“Não resolve os problemas todos, mas ajudou a criar uma nova dinâmica”

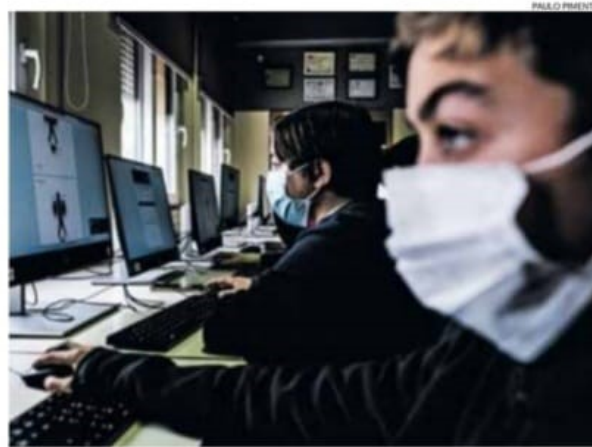
Manuel Pereira
Director

“Tem sido um trabalho constante de avaliação, ajustamentos e reajustamentos”

Alexandra Francisco
Professora



PAULO PIMENTA



PAULO PIMENTA



EMILIO CURIA

“Tem sido bom. Penso que todos temos gostado e apreendido muito.” Quem fala agora é Ana Matilde. Aponta a quantidade de recursos e a interactividade como grandes mais-valias. Rodolfo, três mesas atrás, concorda. Só o computador podia ser um pouco melhor. “Mais rápido, porque tem algumas limitações.”

Alexandra Francisco reconhece alguns problemas. “As únicas queixas que temos tido estão precisamente relacionadas com a questão técnica dos computadores”, explica. Mesmo assim, embora seja prematura fazer uma avaliação ao novo modelo ou falar de resultados, o saldo tem sido francamente positivo, principalmente ao nível da literacia digital. “São alunos que passaram por uma mudança de ciclo, o que resulta sempre em algumas oscilações, mas é este o caminho que queremos seguir”, garante Ana Cristina Duarte.

A SRE também. Até ao momento, explica o gabinete do secretário regional de Educação, Jorge Carvalho, já foram investidos seis milhões de euros nos Manuais Digitais. Uma verba que comporta os custos da infra-estruturação tecnológica do parque escolar regional e que nos próximos anos vai continuar a crescer. “Está previsto um investimento superior a 20 milhões de euros, para garantir nos próximos anos lectivos que este projecto chegue a todos níveis de ensino”, diz a SRE.

A ideia do governo madeirense é no próximo ano lectivo alargar a experiência a mais oito turmas do 10.º ano, para em 2023/2024 generalizar o Projecto dos Manuais Digitais a todo o 10.º ano das escolas secundárias do arquipélago. “Nos próximos anos lectivos, o projecto cobrirá sucessivamente os restantes anos do ensino básico (8.º e 9.º anos), mantendo-se a inclusão no mesmo de todos os alunos que se matriculam no 5.º ano das escolas públicas”, adianta o gabinete de Jorge Carvalho. De fora vai continuar o 1.º ciclo, em que a motricidade fina e o domínio da escrita assumem especial relevo. “Só após a consolidação destes conhecimentos é que faz sentido o Projecto dos Manuais Digitais”, argumenta a secretária regional, ressalvando que neste nível de ensino estão a ser promovidos primeiros contactos com robótica, programação e informática.

Na Madeira, a digitalização vai abranger todos os níveis de ensino nos próximos dois anos. No continente, o projecto-piloto para a desmaterialização dos manuais escolares, lançado em 2020, quase triplicou, no último ano, o número de escolas envolvidas.

professora de Português.

A Gonçalves Zarco já está integrada no projecto dos Manuais Digitais que abrange todas as 13 turmas do 2.º ciclo, e este ano lectivo chegou às seis turmas de 7.º ano, por isso, quando foi desafiada pela Secretaria Regional de Educação (SRE) para acolher a experiência-piloto para o 10.º ano, não hesitou.

“Tem sido um trabalho constante de avaliação, ajustamentos e reajustamentos, mas tem valido a pena”, sintetiza Alexandra Francisco, que coordena o projecto, abrindo a porta de uma outra sala onde o 10.º está a ter aula de Física e Química. Raul, sentado à frente, junto ao quadro onde vão desfilando equações, é o primeiro a falar. “É uma experiência nova e ainda estamos todos a aprender com ela”, diz, ajeitando o monitor do computador. Para já, destaca as vantagens de ser mais prático para transportar do que “uma montanha de livros” e a facilidade de trabalhar em equipa. “Se nos afasta? Penso que não. Até aproxima, porque no final do dia estamos sempre juntos.”

A turma tem 18 alunos. Na sala de aula, o que a diferencia das outras turmas de 10.º ano são os portáteis abertos nas secretárias.

Primeiros passos nos Açores

Muitos equipamentos informáticos precisam de modernização

Também os Açores começam a dar os primeiros passos. A pandemia pôs a nu as insuficiências digitais do sistema de ensino regional e tem sido aí o foco da atenção do governo açoriano.

“Este facto [a iliteracia digital] fez despertar para a urgente necessidade de preparar a sociedade para uma transição digital, fundamental para aumentar as competências digitais da comunidade educativa e os níveis de sucesso dos alunos”, diz ao PÚBLICO fonte da Secretaria Regional de Educação dos Açores. Em Setembro, o ano lectivo começou com mais cinco mil equipamentos informáticos, mais do que “duplicando” o número que existia nas escolas açorianas.

Um investimento que vai continuar e que prevê que no final de 2025 as escolas dos Açores contem com mais 20 mil

equipamentos informáticos e 330 quadros interactivos. A verba, 38 milhões de euros inscritos pelos Açores no Plano de Recuperação e Resiliência, vai servir também para promover cursos online MOOC (Massive Open Online Courses) sobre segurança online e literacia digital, destinados a docentes e encarregados de educação.

Este ano, arrancou numa turma de 5.º ano da Escola Básica e Integrada Francisco Ferreira Drummond, na ilha Terceira, e numa turma do 8.º ano da Escola Secundária Antero de Quental, em São Miguel, um projecto-piloto para a desmaterialização de manuais.

Não se trata, ressalva a secretária regional, de uma simples troca de um manual em papel por um equivalente num computador. É toda

uma componente interactiva que possibilita novos processos de aprendizagem e uma nova relação entre a escola e os encarregados de educação. “O objectivo é termos até ao final do ano de 2026 todos os nossos alunos da região dos 2.º e 3.º ciclos e do ensino secundário com acesso aos manuais escolares, através de equipamento tecnológico individual, introduzido de forma gradual.”

O investimento está também a ser feito na rede do parque escolar açoriano. Os equipamentos açorianos, que as autoridades açorianas querem que extravase a própria escola, através da criação da plataforma REDA (Recursos Educativos Digitais e Abertos), que vai estar ao serviço de toda a comunidade escolar.

